

Os Antigos
Catecismos Maçônicos



Sergio Roberto Cavalcante

[Os Antigos Catecismos Maçônicos], por [Sergio Roberto Cavalcante]



Os Antigos Catecismos Maçônicos

1ª Edição

Edição do Autor

Localidade:

João Pessoa--Paraíba--Brasil

Revisão Ortográfica e Gramatical:

Sergio Roberto Cavalcante

Diagramação:

Sergio Roberto Cavalcante

Capa:

Sergio Roberto Cavalcante & Israel Silva Araújo

Ilustrações:

Imagens obtidas através da Rede Mundial de Computadores
(INTERNET)

Cavalcante, Sergio Roberto. Os Antigos Catecismos Maçônicos.

Editado pelo Autor, 2025

228p.

ISBN: 000.00.000000.0-0

Inclui fontes e bibliografia

Maçonaria, York, Rito, Maçonaria, Manuscritos, outros

Contatos:

sirsergioroberto@gmail.com

sirsergioroberto@yahoo.com.br

(83) 9.8674-5001(VIVO)

(83) 9.9601-0348(TIM)

I N D I C E

Introdução	05/34
Manuscrito Endinburgh Registre House (1696)	35/39
Manuscrito Chetwode Crawley (1700)	41/45
Manuscrito Sloane (1700)	47/52
Manuscrito Drumfries (1710)	53/74
Manuscrito Trynity College (1711)	75/77
Manuscrito Kevan (1714)	79/83
A Examação de um Maçom (1723)	85/89
Manuscrito Graham (1724)	91/99
O Grande Mistério dos Maçons Descoberto (1724)	101/106
Toda a Instituição da Maçonaria (1724)	107/108
A Instituição dos Maçons Livres (1725)	109/113
Revelação de Todas as Instituições dos Maçons Livres (1725)	115/117
Manuscrito Graham (1726)	119/127
O Grande Mistério Revelado (1726)	129/132
Manuscrito Wilkson (1727)	133/139
A Confissão de um Maçom (1727)	141/150
O Mistério da Franco-Maçonaria (1730)	151/156
A Maçonaria Dissecada (1730)	157/172
Diálogo entre Simão e Filipe (1740)	173/179
Manuscrito Essex (1750)	181/183
A Maçonaria-Livre; Perjurio Detectado (1750)	185/208
Uma Defesa da Maçonaria (1730-1)	209/224



Modelos de Maços

INTRODUÇÃO

COMPARAÇÃO COM OS VELHOS DEVERES

Durante muitos anos, o estudo dos manuscritos maçônicos foi amplamente direcionado aos documentos conhecidos como Manuscrito Constituições da Maçonaria, ou, mais familiarmente, como os Velhos Deveres. Geralmente começam com uma invocação ou prece de abertura, seguida por uma história lendária da indústria da construção e um conjunto de regulamentos que regem o comércio dos maçons. Este estudo foi claramente frutífero e levou à descoberta de numerosas novas versões dos Velhos Deveres, de modo que existe um corpo bastante substancial de material disponível para classificação e análise. A autenticidade dos documentos como um todo nunca foi seriamente questionada, embora Robert Freke Gould tenha dedicado espaço considerável em sua ‘História da Franco-Maçonaria’ para considerar até que ponto qualquer versão particular poderia ser considerada um escrito credenciado ou autorizado, e a autenticidade de uma ou duas versões tenha sido considerada. forneceu assunto para discussão. A história lendária e os regulamentos dos maçons do ‘Manuscrito Constituições’ sofreram de tempos em tempos mudanças consideráveis, mas nenhuma revisão parece ter sido feita depois de cerca de 1725. Embora uma versão específica possa não ter sido copiada ou impressa até o final do século XVIII ou início do século XIX, no entanto, geralmente provará ser uma cópia mais ou menos exata de um manuscrito anterior a 1730. Consequentemente, não há necessidade de impor um limite de data ao discutir os Velhos Deveres, ou de diferenciar entre as versões que sobreviveram em manuscrito e aquelas que sobreviveram apenas na versão impressa.

Neste trabalho iremos lidar com uma classe diferente de documentos maçônicos, muito menor em número e consideravelmente mais suspeito em caráter, a saber, os catecismos maçônicos manuscritos e impressos, que originalmente se preocupavam principalmente com a forma de transmitir a ‘Palavra do Maçom’, e com as questões e respostas usadas para testar pessoas que afirmam ter a ‘Palavra do Maçom’. Esses catecismos sofreram mudanças consideráveis durante o século XVIII, tornando-se gradualmente de caráter muito mais elaborado. Lionel Vibert dedicou alguma atenção a este desenvolvimento em sua ‘Palestra Prestoniana’ de 1925 sobre o ‘Sistema Trigradal’, e posteriormente discutiu-o mais detalhadamente em um artigo sobre “Catecismos do Século XVIII”. Como estamos preocupados apenas

com os primeiros catecismos maçônicos, tomamos como final do período o ano de 1730, que por três razões constitui uma boa data limite: (I) Durante vários anos após 1730, '*Prichard's Masonry Dissected*', publicado pela primeira vez em outubro 1730, não tinha rival como catecismo maçônico neste país, (II) Por um tempo depois de 1730, começando em 1734-5, as publicações maçônicas na Inglaterra assumiram principalmente a forma de '*Pocket Companions*', manuais maçônicos populares, que temporariamente deslocaram o interesse em catecismos ou rituais, (III) A partir de 1737-8, começaram a aparecer traduções de 'exposições' francesas, e a influência francesa no desenvolvimento das cerimônias maçônicas começou a fazer-se sentir. Embora tomemos 1730 como o final do nosso período, trazemos, no entanto, sob revisão quatro documentos posteriores, a *Institution of Free Masons*, de data incerta, mas atribuído à primeira metade do século XVIII, o Manuscrito Chesham 1740, o Manuscrito Essex de 1750, e '*A Masons Confession*' de 1755. Todos estes parecem relacionar-se com as condições prevalecentes na terceira década do século XVIII, e não com o período em que foram escritos ou impressos.

Os dezesseis documentos que serão apresentados aqui, cobrem o período de 1696 a 1730, vinte e um anos antes da formação da Grande Loja em 1717, e treze após o seu estabelecimento. No entanto, estes trinta e quatro anos podem ser considerados como constituindo uma unidade, pois a Franco-Maçonaria na terceira década do século XVIII parece ter sido substancialmente a mesma que no período imediato pré-Grande Loja. Assim, estamos principalmente preocupados com os primeiros trinta anos do século XVIII, um período em que ritos aceitos ou especulativos estavam a evoluir a partir de práticas e costumes operativos mais antigos; isto muito possivelmente explica as condições um tanto diversas retratadas nos diferentes documentos. Por outro lado, a terceira década do século XVIII foi um período em que a curiosidade pública sobre a Franco-Maçonaria foi generalizada, e isso torna muito necessário estar atento a possíveis boatos ou falsificações, mais especialmente no caso das versões impressas, ou as chamadas 'exposições' que geralmente afirmam ser confissões de maçons descontentes ou compilações de documentos de irmãos falecidos. Como nenhum ritual oficial para este período sobreviveu (supondo que algum dia tenha existido), nunca poderemos ter certeza de até que ponto qualquer documento em particular reflete o que aconteceu em qualquer loja em particular, ou, assumindo que o documento era genuíno, e não uma mera esquete ou farsa sobre a prática atual, quão difundido era seu uso. Assim, um elemento considerável de incerteza deve sempre permanecer na interpretação

destes documentos, mesmo depois de a sua autenticidade ter sido estabelecida, na medida em que isso possa ser feito.

Neste trabalho estamos preocupados principalmente com dezesseis documentos, nove dos quais estão manuscritos:

1. Manuscrito Edimburgh Register House, ♣1696,
2. Manuscrito Chetwode Crawley (cerca) ♣1700,
3. Manuscrito Sloane nº 3329, (cerca) ♣1700,
4. Manuscrito Dumfries nº 4, ♣1710,
5. Manuscrito Trinity College, Dublin, ♣1711,
6. Instituição dos Maçons Livres, (cerca) ♣1725,
7. Manuscrito Graham, ♣ 1726,
8. Manuscrito Chesham, (cerca) ♣1740,
9. Manuscrito Essex, (cerca) ♣1750,

♣E sete impressos:

1. Exame de um Maçom, 1723,
2. O Grande Mistério dos Franco-Maçons Descobertos, ♣1724,
3. Todas as Instituições dos Franco-Maçons foram reveladas, ♣1725,
4. O Grande Mistério Revelado, ♣1726,
5. Uma Confissão dos Maçons? ♣1727 ♣[impresso em 1755],
6. O Mistério da Franco-Maçonaria, ♣1730,
7. Maçonaria Dissecada de Prichard, ♣1730.

Tanto Thorp quanto o Irmão Baxter inclui duas outras publicações entre os primeiros catecismos e exposições, a saber, o ‘Panfleto Briscoe’ e ‘*The Perjur’d Free Mason Detected*’¹. Excluímos deliberadamente o primeiro, ‘*The Secret History of the Free-Masons*’² (1724), porque é principalmente uma versão das Antigas Obrigações, com observações sobre as Constituições de Anderson, e em nenhum sentido um catecismo. O último panfleto, uma resposta à ‘*Maçonaria Dissecada de Prichard*’, inclui uma boa dose de diálogo, e talvez possa ser considerado como um catecismo, embora de um tipo incomum. Preferimos tratá-lo como uma resposta a um catecismo e, conseqüentemente, imprimi-lo com as outras tréplicas.

O fato de termos conseguido rastrear apenas nove versões de Manuscrito catecismos escritos, ou relativos ao período, antes de 1731, enquanto cerca de setenta versões do ‘Manuscrito Constituições’ copiadas antes dessa data foram descobertas e talvez possam ser explicadas de três maneiras: (I) Os ‘Manuscrito Catecismos’, geralmente escritos em uma ou duas folhas de

¹ ♣O Perjuro do Franco-Maçom revelado.

² ♣A História Secreta dos Francos-Maçons.

papel, têm maior probabilidade de terem sido extraviados ou destruídos do que as versões dos Velhos Deveres, que frequentemente estão na forma de livros ou rolos, (II) Como o assunto dos catecismos era de caráter parcialmente esotérico, seria presumivelmente transmitido oralmente, e os possuidores do conhecimento necessário seriam cautelosos em registrá-lo por escrito, embora sem dúvida isso pudesse ser feito ocasionalmente como um auxílio à memória. Mesmo a redação de tal guia, entretanto, é proibida pelo Manuscrito nº 3 de Dumfries. (III) Quando os catecismos foram escritos, os documentos podem ter sido deliberadamente destruídos depois de terem servido ao seu propósito imediato. Assim, segundo Anderson (Constituições de 1738, p.111), “...**Vários manuscritos valiosos relativos à Fraternidade, suas lojas, regulamentos, encargos, segredos e usos, foram queimados por alguns irmãos escrupulosos em 1720, para que esses papéis não caíssem em mãos estranhas**”. No entanto, estamos dispostos a pensar que quando a importância desta classe de documentos for mais plenamente apreciada, e quando a busca por tais documentos tiver recebido a mesma atenção que a busca por novas versões dos Velhos Deveres, mais versões de ‘Manuscrito Catecismos’ podem ser descobertos. Das nove versões existentes, o Manuscrito Sloane nº 3329 era conhecido pelos estudantes maçônicos na década de 1860; o Manuscrito Dumfries nº 4 foi descoberto em 1891; o Manuscrito Trinity College, Dublin, foi rastreado em ou antes de 1898; o Manuscrito Chetwode Crawley foi descoberto em 1904, e a Instituição dos Maçons Livres por volta de 1905; o Manuscrito Essex era conhecido em 1915 e provavelmente antes do Manuscrito Chesham foi encontrado em 1929, o Manuscrito Edinburgh Register House em 1930, enquanto a existência do Manuscrito Graham só foi divulgado, em 1936. Das versões impressas, dois folhetos, *The Whole Institutions of Free-Masons Opened* e *The Grand Mystery Laid Open*, eram meros nomes para a maioria dos estudantes maçônicos até o Irmão Poole os reimprimiu em A.Q.C., 1, em 1937. Na verdade, as descobertas dos últimos dez ou quinze anos contribuíram não apenas para o número de versões dos catecismos conhecidos, mas também de forma bastante material para o corpo de conhecimento relativo à maçonaria do início do século XVIII. trabalhando. A título de contraste, pode-se notar que as recentes descobertas de versões dos Velhos Deveres apenas confirmaram lendas e regulamentos, cuja existência já estava bem estabelecida.



TRABALHO OPERATIVO INICIAL

Antes de podermos discutir a autenticidade dos catecismos em geral, ou de qualquer catecismo em particular, devemos primeiro examinar brevemente o que é conhecido de fontes independentes sobre o trabalho operativo inicial, para que possamos estar em posição de julgar até que ponto os catecismos confirmar ou contradizer as informações independentes disponíveis sobre o assunto. As informações podem ser resumidas da seguinte forma:

I. Os Estatutos de William Schaw de 1598 exigiam a seleção de pretendentes ou instrutores por cada novo Companheiro [do] Ofício em sua admissão.

II. As atas da Loja de Edimburgh da primeira década do século XVII mostram que esta disposição dos Estatutos de William Schaw era eficaz.

III. As atas da Loja de Aitchisons Haven, desde o seu início em 1598, mostram não apenas que um novo Companheiro [do] Ofício, quando admitido, escolhia dois Companheiros [do] Ofício como seus ‘Intendentes’ e instrutores, mas também que um novo Aprendiz Registrado, na sua admissão, escolhia de igual modo dois Aprendizes Registrados como seus ‘Intendentes’ e instrutores.

A julgar pelas atas de Edimburgh e Aitchison’s Haven, na maioria dos casos, se não em todos, os ‘Intendentes’ e instrutores eram os Companheiro [do] Ofício admitidos mais recentemente e os Aprendizes Registrados, respectivamente. Como os candidatos deviam apresentar provas satisfatórias das suas qualificações técnicas antes da admissão, é difícil compreender quais as funções que estes ‘Intendentes’ desempenhavam, a não ser para instruir os candidatos nos conhecimentos esotéricos associados ao grau a que acabavam de ser admitidos. Que este foi o caso parece ser confirmado pela seguinte passagem no final do Manuscrito Dumfries nº 3, uma versão do final do século XVII dos Velhos Deveres que pertencia à Velha Loja de Dumfries, agora Dumfries Kilwinning, nº 53:

Então, que a pessoa que era feita maçom escolhia, um maçom da loja que o instruía nos segredos que nunca deveriam ser escritos, e ele devia chamá-lo de ‘Tutor’. Então, seu tutor o levava à parte e lhe mostrava todo o mistério, para que, ao retornar, ele pudesse exercitar-se com o resto de seus Companheiros Maçons.

Uma passagem semelhante ocorre no final do Manuscrito Harris nº 1, aproximadamente da mesma data, e também perto do final do Manuscrito Thomas Carmick de 1727. Nada, entretanto, se sabe sobre a história inicial de qualquer uma dessas versões dos Velhos Deveres.

Aprendemos com os manuscritos Edinburgh Register House e Chetwode Crawley que a pessoa a ser admitida como ‘Aprendiz Registrado’ era retirada, após juramento de sigilo, da ‘Companhia’³ com maçom mais jovem para saber dele os sinais, posturas e palavras de sua entrada, e da mesma forma que a pessoa a ser admitida como Companheiro [do] Ofício ou Mestre Maçom, após prestar juramento de sigilo, era enviado para fora da ‘Companhia’ com o Mestre mais jovem para aprender as posturas, palavras e ‘Sinais do Companheirismo’. Além disso, a nomeação de «**Intendentes**»⁴ é indicada no Manuscrito Sloane nº 3329; o candidato tinha que jurar manter em segredo tudo o que seus «Intendentes» ordenassem que ele mantivesse em segredo. De acordo com *A Mason’s Confession*, uma pessoa da loja instrua o candidato um pouco sobre os segredos no mesmo dia em que ele era admitido, e era chamado de seu “**Autor**”. Outra pessoa da loja, que o candidato selecionava para ser seu instrutor durante os doze meses seguintes, era chamada de seu “**Intendente**”.

IV. Do Livro (das) Marcas da Loja de Aberdeen, cujos primeiros registros foram escritos em 1670, aprendemos que era ordenado pelos membros naquele ano que a chamada ‘**Measson Charter**’⁵, ou seja, a versão do Manuscrito ‘Constituições’ agora conhecidas como Manuscrito Aberdeen, deveriam ser lidas antes de uma reunião de Maçons e, presumivelmente, portanto, na admissão de cada Aprendiz Registrado.

Que os regulamentos ou encargos, se não a história ou lenda, eram lidos para os candidatos é afirmado no próprio Manuscrito de Aberdeen, como também no Manuscrito de Aitchison's Haven, que foi incluído no Livro de Atas da Loja de Haven de Aitchison em 1666. O mesmo se aplica às versões das Velhas Obrigações que pertenciam na segunda metade do século XVII, às antigas lojas escocesas de Kilwinning, Stirling, Melrose e Dumfries. De acordo com o juramento no catecismo do Manuscrito Sloane nº 3329, o candidato deveria jurar manter em segredo “a palavra maçônica e tudo o que ela contém” e “observar verdadeiramente os deveres da constituição”, o que implica que pelo menos os deveres ou regulamentos do Manuscrito ‘das Constituições’ eram lidos ao candidato antes do juramento ser prestado. Do catecismo impresso, O Exame do Maçom, aprendemos que “quando um Maçom é inscrito... ele deve ouvir os deveres (Constituições e Deveres) pertencente à Sociedade, os quais eram lidos para ele pelo Mestre da Loja”.

³ Entenda-se por ‘Salão da Loja’.

⁴ Entenda-se também como sendo “Assistente, Aulixiar, Condutor, etc”

⁵ Entenda-se por ‘Carta do Maçom’.

Ao fazer esta sugestão, apenas seguimos as instruções contidas nas Constituições de Anderson de 1723 (publicadas algumas semanas antes de *A Mason's Examination*) de que a história e os encargos (conforme impressos em Anderson) deveriam ser lidos na admissão de um novo irmão.

V. De acordo com o primeiro estatuto das Leis e Estatutos da Loja de Aberdeen, adotado ou confirmado em 27 de dezembro de 1670, os Mestres Maçons e Aprendizizes Registrados recebiam o benefício da 'Palavra do Maçom' em sua admissão.

Embora todos os catecismos não distingam muito claramente entre (a) Aprendizizes Registrados e (b) Companheiros [do] Ofício ou Mestres Maçons, vários deles o faziam e deixam bem claro que os Aprendizizes Registrados recebiam o benefício da 'Palavra do Maçom' em sua admissão, conforme declarado nos Estatutos de Aberdeen. Além disso, alguns catecismos mostram que o conhecimento esotérico adicional era transmitido aos candidatos quando eles eram admitidos como Companheiros [do] Ofício ou Mestres Maçons, embora não esteja claro nos Estatutos da Loja se esse foi o caso em Aberdeen.

VI. O fragmento sobrevivente de uma ata da Loja de Haughfoot, datada de 22 de dezembro de 1702, contém o que parece ser a parte final da descrição da admissão de um Companheiro [do] Ofício ou Mestre Maçom.

Para mostrar o significado deste fragmento, colocamos-o lado a lado com um extrato do Manuscrito Edinburgh Register House:

Fragmento de Haughfoot

Da admissão como o Aprendiz assim:

Deixando de fora (**O Medidor Comum**⁶). Então eles sussurram a palavra como antes -- e o Mestre Maçom aperta sua mão da maneira usual.

Edinburgh Register House

...Ele faz o Sinal de Mestre e diz as mesmas palavras da admissão que o Aprendiz fez, apenas deixando de fora o '**Medidor Comum**'; em seguida, os maçons sussurram a palavra entre si, começando pelo mais novo, como antigamente.... Depois o Mestre dá-lhe a palavra e aperta-lhe a mão à maneira dos maçons....

⁶☛**Nota de Sergio Roberto Cavalcante:** Um antigo instrumento de medida, de medição. Podendo ser uma régua ou outros instrumentos similares.

VII. Certas versões das Velhas Obrigações do século XVII contêm um juramento de sigilo que presumivelmente fazia parte da cerimônia de admissão.

Para facilitar a comparação entre estes juramentos e aqueles consagrados em certos Manuscritos catecismos, imprimimos três das Velhas Obrigações e dois dos Catecismos lado a lado: --

Buchanan--1670

Estes Encargos que recebestes guardareis bem e verdadeiramente, não revelando o segredo da nossa Loja a homem, mulher ou criança: pau ou pedra: coisa móvel ou imóvel, para que Deus vos ajude e o seu Julgamento Divino. Amém.

Drinkwart nº 1--1700

Os sinais e toques que eu vos declarar, não os escrevereis em areia, papel ou folhas verdes; E não os contareis a nenhuma criatura muda ao ouvido de qualquer pessoa, nem a pau, cêpo ou pedra ao ouvido de qualquer pessoa; nem a homem, mulher ou criança, mas a quem encontrardes ser um Maçon. Que Deus vos ajude.

Sloane 3329--1700

A palavra maçônica e tudo o que nela está contido, manterás em segredo, nunca a porás por escrito, direta ou indiretamente, manterás tudo o que nós ou os teus assistentes te ordenarmos que mantenhas em segredo de homem, mulher ou criança, de pau ou de pedra, e nunca o revelarás senão a um irmão ou a uma Loja de Maçons, e observarás verdadeiramente os Encargos da Constituição, e tudo isto prometes e juras fielmente manter e observar, sem qualquer tipo de equívoco ou reserva mental, direta ou indiretamente. Assim Deus te ajude e pelo Conteúdo deste livro.

Edinburgh Register House -- 1696

Pelo próprio Deus e você responderá a Deus quando estiver nú diante dele, no Grande Dia; e você não revelará qualquer parte do que ouvirá ou verá neste momento, seja por palavra, por escrito, ou seja por desenho em qualquer tempo, nem desenhar com a ponta de uma espada, ou qualquer outro instrumento sobre a neve ou areia, nem você deve falar sobre isso, mas com um maçom registrado, então Deus te ajude.

Manuscrito Harleian 1942 (cerca)

1675

Eu _____. Na presença de Deus Todo-Poderoso, e meus Companheiros e Irmãos, aqui presentes, prometo e declaro que não irei em nenhum momento, doravante, por qualquer ato ou circunstância de qualquer natureza, direta ou indiretamente, publicar, descobrir, revelar ou dar a conhecer qualquer um dos segredos, privilégios ou conselhos da fraternidade ou irmandade da Maçonaria Livre, que neste momento, ou em qualquer momento no futuro, me será dado a conhecer, para que me ajude, Deus, e o conteúdo sagrado deste livro.

Sendo sos juramentos de sigilo adições comparativamente tardias aos ‘Manuscrito Constituições’, e mesmo assim apenas para algumas versões, estamos dispostos a pensar que a semelhança entre elas e os juramentos nos catecismos é explicada pelo fato de os primeiros serem inseridos sob a influência dos últimos. Em nossa opinião, como nos esforçamos para mostrar em outro lugar (*Masonic History Old and New and Second Thoughts on Masonic History Old and New*), os maçons ingleses aceitos do século XVII obtiveram da Escócia seu conhecimento da ‘Palavra do Maçom’ e de tudo o que ela implicava; conseqüentemente, não é improvável que um juramento de sigilo tenha sido introduzido em certas versões inglesas das Velhas Obrigações naquele período por maçons aceitos, sob a influência de frases e práticas associadas à transmissão da ‘Palavra do Maçom’ na Escócia.

AUTENTICIDADE DOS CATECISMOS IMPRESSOS

Na seção anterior, tentamos mostrar que as principais características do trabalho operativo maçônico inicial, conforme deduzidas das evidências independentes disponíveis do século XVII, correspondem bastante de perto ao quadro dado pelos primeiros catecismos maçônicos, mais particularmente por certos das versões manuscritas. Acontece que estas são bastante mais antigas do que qualquer uma das versões impressas, e mesmo que não

tenham sido escritas antes de (cerca) 1700, podem representar uma obra várias décadas mais antiga.

As versões impressas, assumindo que sejam genuínas, referem-se ao período 1723-[30], data em que o trabalho do século XVII pode muito bem ter sofrido modificações consideráveis, um problema que discutiremos abaixo. Em consequência de tais modificações, não se pode esperar nenhuma correspondência muito estreita com o trabalho operatório inicial, tal como descrito por evidências independentes do século XVII.

A autenticidade do Manuscrito Dumfries nº 4, um catecismo maçônico combinado com uma versão das Velhas Obrigações e uma disquisição sobre o Templo do Rei Salomão, dificilmente pode ser questionada, pois quase certamente pertenceu à Velha Loja de Dumfries (agora Dumfries Kilwinning nº 53) desde que foi escrito pela primeira vez no início do século XVIII. Ao mesmo tempo, provavelmente foi empregado nas reuniões da loja, pois mostra sinais de uso considerável. Nada se sabe sobre o início da história do Manuscrito Edinburgh Register House. (além de provavelmente ter pertencido a um advogado no século XVIII), mas como mostra sinais de ter sido dobrado e bastante usado, não parece improvável que em certa época tenha sido um ajudante de maçom, e a mesma coisa apareceria para ser verdade no Manuscrito Trinity College, Dublin. Em qualquer caso, um Manuscrito é muito menos provável que o catecismo tenha sido uma fraude ou falsificação do que uma versão impressa colocada à venda, e é a autenticidade das versões impressas que exige particularmente investigação. Deixando de lado os versos doggerel ou jingles rimados em certas versões, e expressões arcaicas e conrrompidas, que sugerem um elemento de antiguidade, se não de genuinidade, e deixando de lado, também, a pronta venda, ao longo de anos, de edições sucessivas da Maçonaria Dissecada de Prichard, o que parece implicar uma exigência e reconhecimento maçônico no que diz respeito ao panfleto de Prichard, dois métodos de abordar o nosso problema sugerem-se. Uma delas é examinar a relação existente entre os catecismos impressos e o ‘Manuscrito Catecismos’, sendo a genuinidade de pelo menos alguns deles dada como certa; a outra é estudar a reação do Ofício à publicação dos catecismos impressos. Um terceiro método de abordagem do problema, que pode sugerir-se ao leitor, seria traçar possíveis semelhanças entre os primeiros catecismos impressos e o ritual moderno. Isto, no entanto, seria inconclusivo, porque, supondo que pudessem ser traçadas semelhanças, seria incerto se os elementos em questão existiam na maçonaria antes de 1723 (quando o primeiro catecismo foi impresso), ou se tinham sido introduzidos na Franco-Maçonaria numa época data posterior,

possivelmente como resultado da influência exercida pela publicação dos catecismos. Por outro lado, supondo que nenhuma semelhança pudesse ser traçada, não haveria prova de que os catecismos impressos não fossem autênticos. Poderiam dar uma imagem correta do trabalho do início do século XVIII, que foi tão modificado ao longo de dois séculos que já não é reconhecível à luz do ritual moderno.

Relação dos catecismos impressos com os do Manuscrito. Uma leitura cuidadosa, primeiro dos ‘catecismos manuscritos’ depois dos catecismos impressos abaixo, não pode deixar de deixar na mente do leitor uma impressão geral de semelhança ou afinidade, muitas das perguntas e respostas das versões manuscritas sendo repetidas com mais ou menos precisão nos documentos impressos. Isto é verdade até mesmo para o ‘Grande Mistério Revelado’, que em certos aspectos, com suas palavras cabalísticas, ou professamente cabalísticas, atinge uma multa própria, para a qual nenhuma confirmação foi encontrada em qualquer documento maçônico antigo até agora descoberto, além da referência à “Filosofia Cabalística” em Uma Carta da ‘Grande Mestra’, 1724. A semelhança geral de perguntas e respostas nos catecismos impressos e manuscrito sugere que os compiladores dos catecismos impressos tiveram acesso a versões dos manuscritos catecismos. Isto é sugerido ainda mais fortemente pela estrutura dos catecismos impressos, que segue de perto a dos manuscritos catecismos, ao passo que, se tivessem sido compilados de forma independente, seria de esperar algo diferente. Assim, o Manuscrito da Edinburgh Register House, que pode ser considerado típico dos catecismos manuscrito mais antigos, consiste em duas partes, a primeira intitulada “Algumas perguntas que os maçons costumam fazer àqueles que têm a palavra antes de reconhecê-las”, e a segundo “A forma de dar a palavra ao maçom”. As perguntas usadas para testar um maçom antes de reconhecê-lo, obviamente pressupunham que o examinando já havia passado pela cerimônia de admissão, e várias das perguntas estão definitivamente relacionadas às condições de admissão. As perguntas e respostas do exame dão pouca ou nenhuma indicação quanto à natureza da cerimônia de admissão, o que deve ser deduzido da “forma de dar a Palavra ao Maçom” ser dito ao candidato e o que ele deveria dizer. Os catecismos impressos adotam em grande parte a mesma estrutura, ou seja, uma breve descrição ou narrativa da cerimônia, mais uma série de perguntas a serem feitas aos que já passaram pela cerimônia, juntamente com as respostas que deles se esperam.

Se os compiladores dos catecismos impressos nunca tivessem visto uma versão dos ‘Manuscritos Catecismos’, é muito improvável que eles tivessem

elaborado o que antes eram corretamente descritos como questões a serem colocadas àqueles que professavam ter a ‘Palavra do Maçom’ antes de reconhecê-las, e que deveriam ter oferecido tais catecismos ao público como um relato dos procedimentos regulares de admissão de novos membros. Seria de se esperar que eles dessem algo que poderia, *‘prima facie’*, ter sido o ritual de uma cerimônia de admissão. É sempre possível que as perguntas e respostas tenham sido ensaiadas nas reuniões da loja, seja quando nenhum candidato estava sendo admitido, ou após a admissão de um candidato, a fim de refrescar a memória ou instruir os maçons presentes, assim como a Carta Maçônica, ou Manuscrito de Aberdeen, a julgar pelo título no Livro de Marcas da Loja de Aberdeen: “Um discurso feito antes de uma Reunião de *‘Meassones’*[Maçons] comumente chamada de Carta *‘Measson’*[Maçom]”, era lida ou recitada em cada reunião da loja. No entanto, é à “forma de dar a ‘Palavra do Maçom’”, ou o que corresponde a isso nos catecismos impressos, que devemos procurar uma indicação da cerimônia de admissão, e sobre esse assunto os catecismos impressos dificilmente são mais explícitos do que os ‘Manuscritos Catecismos’. Não é improvável que as cerimônias de admissão de maçons aceitos ainda estivessem em uma condição um tanto fluida até 1730, e que consistissem, pelo menos parcialmente, em discursos, ou deveres, ou explicações, que ainda não haviam se tornado estereotipadas. Levando tudo em conta, estamos dispostos a pensar que versões dos ‘Manuscritos Catecismos’, e não quaisquer cerimônias reais de admissão, serviram de base para os catecismos impressos.

Com esta sugestão em mente, dois dos catecismos impressos podem ser examinados mais de perto. Acontece que duas versões manuscritas do catecismo impresso, *‘The Grand Mystery of Free-Masons Discover’d’*, 1724, sobreviveram, a saber, *Institution of Free Masons*, da primeira metade do século XVIII, e a primeira parte do o Manuscrito Essex (cerca de 1750). O texto da *‘Instituição’* difere em tantos aspectos daquele do *‘Grande Mistério’*, como mostrará um estudo dos dois documentos impressos em páginas mais a frente, que não podemos hesitar em dizer que a versão manuscrita não foi copiada da versão impressa, ou vice-versa, e na opinião do Irmão Poole (A.Q.C., XXXVII, 10) o mesmo se aplica à primeira parte do Manuscrito Essex. Todos os três são, sem dúvida, descendentes de um ancestral comum, embora a origem exata da descendência não tenha sido determinada. Parece, no entanto, seguro concluir que a versão impressa foi baseada numa versão manuscrita pré-existente. Da mesma forma, sobreviveram duas versões manuscritas do catecismo impresso, *‘The Whole Institutions of Free-Masons Opened’*, 1725, a saber, o exame maçônico

contido no Manuscrito Graham, 1726, e a segunda parte do Manuscrito Essex (cerca de 1750). Embora haja muitas coisas comuns a todos os três, existem características comuns apenas ao Graham e a todas as instituições, e há outras comuns apenas ao Graham e ao Essex, enquanto o Graham tem algumas perguntas e respostas que não ocorre em nenhum dos outros dois. Assim, parece provável que nenhum dos três tenha sido copiado dos outros dois, mas que todos os três descendem de um ancestral comum, presumivelmente manuscrito. O que quase certamente era verdade no caso do ‘Grande Mistério’ e de ‘Todas as Instituições’ serem cópias de manuscritos pré-existentes. catecismos, provavelmente era verdade para ‘*A Mason’s Examination*’, a julgar pelos dois espaços em branco na versão impressa, e para os outros catecismos impressos. O problema de até que ponto os catecismos manuscritos e impressos refletem a cerimônia de admissão de um maçom aceito ou especulativo é discutido em uma seção posterior desta introdução.

Reação do Ofício à publicação dos Catecismos. 1. Com relação a ‘*A Mason’s Examination*’, impresso no *Post-Boy* de 11 a 13 de abril de 1723, temos a seguinte declaração feita em ‘*The Free-Masons Accusation and Defense*’ (pp. 35-6), um panfleto publicado em 1726: --

Lembro-me que, da última vez que estive na cidade, houve um exemplar dos seus exames publicado no *Post-Boy*; mas os maçons foram tão diligentes em suprimi-lo que, no espaço de uma semana, nenhum dos documentos foi encontrado; onde quer que os vissem, eles ‘sumiram’ com eles. Eles foram de cafeteria em cafeteria e os arrancaram dos livros em particular.

Aqueles que eles não conseguiram encontrar tão facilmente, eles compraram, mesmo pelo preço extravagante de 2s(*shillings*) 6d(*pence*) um papel. Por este meio, dificilmente há alguém para ser encontrado...

Os maçons-livres ficaram prodigiosamente irritados com a publicação deste *Post-Boy*; ainda assim, de acordo com sua garantia habitual, eles deram uma boa cara ao assunto e disseram que não havia nada nele; mas, ao mesmo tempo, abordou o caso com toda a privacidade imaginável; e atualmente lançou uma descoberta falsa para invalidar a outra. Mas você pode ter certeza de que no *Post-Boy* há uma descoberta genuína...

Como o objetivo do panfleto era ferir a Fraternidade, as declarações devem ser aceitas com reservas. A atitude semi-oficial do Ofício em relação ao catecismo e a uma possível descoberta falsa é provavelmente refletida na última estrofe da canção do ‘Porta-Espada’, impressa nas Constituições de Anderson de 1738: --

“Então vamos sorrir, já que impusemos
Sobre aqueles que fazem um Pother,
E chore, o segredo foi revelado
Por algum Irmão de coração falso.

O poderoso segredo foi conquistado, eles se vangloriam.”

Do **Post-Boy** ou do **Flying-Boy**. [? Publicar]

2. A publicação de **The Grand Mystery of Free-Maçons Discover'd**, que foi anunciado para venda em 10 de janeiro de 1723/4, possivelmente levou ao aparecimento de uma carta anônima sobre **The Sisterhood of Free Sempstresses**, impressa no **Read's Weekly Journal** of 25 de janeiro de 1723/4. É um paralelo simulado entre a **Brotherhood of Freemasons** e a **Sisterhood of Free Sempstresses**. **Lepper and Crossle** (p. 446) descrevem-no como uma farsa que professa ridicularizar o ‘Grande Mistério’, mas temos que confessar que, além da data de sua publicação (e isso pode ser bastante fortuito), não podemos encontrar nada que o conecte com o **Grand Mystery**; não nos dá a impressão de ser uma caricatura de uma exposição intencional da Franco-Maçonaria, mas sim de ser uma peça teatral sobre a maçonaria e sobre as mulheres. Seja como for, publicamos entre as possíveis réplicas, para que o leitor possa formar sua própria opinião sobre a natureza do documento.

Em 1724, também, provavelmente em agosto, apareceu em Dublin ‘**A Letter from the Grand Mistress of Female Free-Maçons**’, um panfleto anônimo descrito por Chetwode Crawley (Capítulo Introdutório às Reimpressões Maçônicas de Sadler) e por Lepper e Crossle (p.446) como uma caricatura do ‘Grande Mistério’. A maior parte dos seus comentários é dedicada ao problema da autoria do panfleto, e eles tomam a sua natureza como certa. O nosso problema imediato é (I) se isto é uma farsa da chamada “exposição” da Franco-Maçonaria; (II) em caso afirmativo, se essa exposição era o **Grand Mystery**; ou (III) se foi uma divulgação falsa; ou (IV) se se destinava a ser uma exposição genuína.

Cerca de um terço do panfleto há um pequeno parágrafo que se refere a uma publicação emitida para enganar o público:

Vale a pena observar que uma certa loja na cidade publicou há algum tempo uma folha cheia de simulação de maçonaria, puramente para confundir e zombar da cidade, com vários sinais e palavras falsas como ‘Mada’ ou ‘Adão’, escrito ao contrário, Boaz, Nimrod, Jakins, peitoral, gutural, etc, etc.

Esta descrição não se aplica muito apropriadamente ao ‘Grande Mistério’, ou à única outra exposição impressa antes de agosto de 1724 com a qual estamos familiarizados, a saber, ‘**A Mason's Examination**’. Por outro lado,

pode ser uma referência à ‘descoberta falsa’ apresentada pelos maçons, de acordo com *‘The Free-Masons Accusation and Defense’*, logo após o aparecimento de *‘A Mason’s Examination’*, em abril 1723. Sugerimos em nota de rodapé na p.13 que esta “descoberta falsa” era possivelmente o panfleto anônimo de Briscoe. Como isso incluía uma versão do Manuscrito Constituições da Maçonaria, ela incorporou um relato “histórico” ou lendário da maçonaria, e isso pode explicar por que a ‘folha’ dedicou tanto espaço à “história” da maçonaria. O panfleto Briscoe também contém numerosos “sinais”; por outro lado, não contém «palavras» e não foi publicado como uma «folha», tanto quanto sabemos. Se a ‘folha’ é uma réplica a uma exposição, ou a uma divulgação simulada, impressa em ou antes de agosto de 1724, não pensamos que ela se dirigisse ao ‘Grande Mistério’, ou mesmo ao panfleto de Briscoe, mas sim a algum documento ainda não publicado não descoberto. Os vários documentos aos quais acabamos de nos referir foram todos impressos em Londres. Como, no entanto, a ‘folha’ foi publicada em Dublin, pode muito bem acontecer que a ‘Cidade’ mencionada na primeira parte do parágrafo citado, como a sede da loja que publicou “uma folha cheia de falsidade contra a maçonaria”, não fosse Londres, mas Dublin. Nesse caso, a “folha” foi provavelmente impressa em Dublin e permanece por descobrir, uma vez que nenhuma “descoberta fictícia” irlandesa, ou “provocação”, como teria sido chamada no século XVIII, foi rastreada até ao nosso conhecimento.

A parte inicial da ‘carta’, que afirma que os maçons se recusam a jurar pelo Novo Testamento, é possivelmente uma referência ao fato de a base cristã da maçonaria ter sido afetada pela doutrina deísta (vide *Freemasonry and the Idea of Natural Religion*), embora não haja razão para supor que a atitude deísta fosse mais favorável ao Antigo Testamento do que ao Novo. Alguma referência pode ser pretendida à admissão de judeus no Ofício. A questão “histórica” sobre a qual se zomba pode ser encontrada não apenas no panfleto de Briscoe de 1724, mas também nas Constituições de Roberts de 1722, e nas Constituições de Anderson de 1723, ou em quase qualquer versão do Manuscrito ‘Constituições da Maçonaria’. Por outro lado, só em 1726 é que encontramos um catecismo impresso, *‘The Grand Mystery Laid Open’*, sublinhando a ligação entre a maçonaria e a Cabala. Tendo em conta, no entanto, que nada se sabe sobre a “folha cheia de falsa maçonaria” referida na ‘carta’, é impossível dizer com alguma certeza se ela foi escrita com o objetivo de zombar daquele particular folha, ou de algum outro documento não descoberto de tipo semelhante, ou se era apenas uma «descoberta fictícia» ou «provocação» cuja publicação foi sugerida pelo aparecimento de

tal folha. Em certos aspectos, a ‘carta’ parece ser uma paródia das idéias populares contemporâneas relativas à maçonaria, embora talvez seja digno de nota que ela não parodia *‘The Free-Masons Song’*, que é impressa corretamente, mas atribui erroneamente a Anderson em vez de a Matthew Birkhead que é claramente declarado nas Constituições de Anderson como o autor da canção, impressa sob o título *“The Enter’d ‘Prentices Song’*”, o que sugere que o escritor da ‘carta’ nunca tinha visto uma cópia das Constituições de Anderson, o que não facilita o problema da elucidação da ‘carta’ e da sua autoria. No entanto, pensamos que pode ser uma divulgação falsa, entrelaçada com alguns elementos de verdade, destinada a enganar o público em geral. Por exemplo, é bem possível que o episódio da loja em Omagh possa realmente ter ocorrido, ou seja, que alguns maçons tenham ficado tão bêbados em sua taverna em Omagh que não conseguiram completar uma cerimônia de admissão. Por outro lado, não se pode excluir a possibilidade de a ‘carta’ ter sido concebida como uma verdadeira descoberta dos segredos maçônicos, embora não assuma a forma habitual de um catecismo. No geral, entre uma divulgação falsa e uma suposta descoberta genuína de segredos maçônicos, estamos inclinados a favorecer a primeira solução. Entre uma divulgação falsa (concebeivelmente inspirada na publicação de uma folha cheia de maçonaria simulada) e a farsa de uma divulgação simulada até agora desconhecida, a distinção pode ser mais aparente do que real. Por falta de qualquer certeza quanto ao verdadeiro caráter da ‘carta’, nós a publicamos entre as possíveis trélicas.

Foi provavelmente no ano seguinte, 1725, que foi impresso, também em Dublin, um folheto anônimo e sem data, *‘The Free-Masons Vindication’*, sendo uma resposta a uma calúnia escandalosa, intitulado o *‘Grand Mystery of the Free Masons, discover’d’*. Esta réplica definitiva ao *‘Grand Mystery’* foi professada por um maçom; se o autor da *Grand Mistress* [Carta da Grande Mestra] era um maçom é incerto; a *‘Sisterhood of Free Sempstresses’*, qualquer que seja a sua ligação, se houver, com o ‘Grande Mistério’, dá a impressão de ser a fantasia de um jornalista que procura preencher uma lacuna num jornal. Mesmo que esses três documentos tenham sido escritos por maçons, eram claramente publicações não oficiais.

3. *‘The Mystery of Free-Masonry’*, impresso no *Daily Journal*, 15 de agosto de 1730, levou a Grande Loja a agir, como mostra o seguinte extrato da ata da Grande Loja, com data de 28 de agosto de 1730 (Q.C.A., x , 128): --

“O Dr. Desaguliers levantou-se e (tomando conhecimento de um documento impresso recentemente publicado e espalhado pela cidade, e desde então inserido nos jornais, fingindo descobrir e revelar os mistérios do Ofício da

Maçonaria) recomendou várias coisas à consideração do Grande Loja, particularmente a resolução da última Reunião Trimestral para impedir que quaisquer falsos Irmãos sejam admitidos em lojas regulares e que se auto-denominam 'Maçons Honorários'."

"O Deputado do Grande Mestre apoiou o Doutor e propôs várias regras à Grande Loja a serem observadas em suas respectivas lojas para sua segurança contra todos os inimigos abertos e secretos do Ofício."

Nem a 'Resolução' referida pelo Dr. Desaguliers, nem as 'Regras' propostas pelo Deputado do Grande Mestre, estão registradas nas atas da Grande Loja.

4. A publicação da Maçonaria Dissecada de Prichard em outubro de 1730 também é referida nas atas da Grande Loja, na data de 15 de dezembro de 1730 (Q.C.A., x, 135-6):

"O Deputado do Grande Mestre tomou conhecimento de um panfleto publicado recentemente por um tal Pritchard que finge ter sido feito um Maçom regular: Em Violação da Obrigação de um Maçom que ele jura ter quebrado a fim de fazer mal à Maçonaria e expressando-se com a maior Indignação contra ambos (chamando-o de Impostor) e de seu livro como uma coisa tola que não deve ser considerada. Mas a fim de evitar que as lojas sejam impostas por falsos Irmãos ou Impostores: Propôs, até que seja ordenado pela Grande Loja, que nenhuma pessoa seja admitida nas lojas, a menos que algum membro da loja então presente ateste que tais irmãos visitantes são 'maçons regulares', e que o nome do membro seja registrado junto com o nome do visitante no 'Livro da Loja', proposta esta que foi unanimemente aceita."

No mesmo dia, 15 de dezembro de 1730, foi anunciada no **Daily Post** a publicação "hoje" de uma resposta ao panfleto de Prichard, '**A Defense of Masonry**', ocasionada por um panfleto chamado '**Masonry Dissected**'. Este panfleto anônimo foi reimpresso nas Constituições de Anderson de 1738 e no Pocket Companion de Smith do mesmo ano, de modo que deve ser considerado como gozando de aprovação pelo menos semi-oficial. Também foi publicada em 1730, provavelmente antes do aparecimento, de '**A Defense of Masonry**', outra resposta anônima a Prichard, diz, **The Perjur'd Free Mason Detected**. Imprimimos as três réplicas definitivas aos primeiros catecismos imediatamente após o último dos catecismos.

As duas linhas de abordagem do problema da autenticidade dos catecismos impressos, a saber, a relação do impresso com o 'Manuscrito Catecismos' e a reação do Ofício à publicação dos catecismos sugerem que os catecismos impressos merecem muito mais estudo do que Gould nos fez acreditar quando escreveu (A.Q.C., IV, 34):

De uma e de todas essas publicações, pode-se afirmar com segurança que as únicas pessoas que em algum momento foram enganadas por elas foram os compradores extremamente crédulos a quem foram apresentadas como revelações genuínas.

CLASSIFICAÇÃO DOS PRIMEIROS CATECISMOS

Considerando que as cerca de cem versões das Velhas Obrigações (além de meia dúzia de versões diversas) foram agrupadas em oito famílias, das quais apenas o Manuscrito Regius é uma classe à parte, os dezesseis catecismos com os quais estamos preocupados, ou dezoito se contarmos os dois catecismos do Manuscrito Essex e os dois catecismos do Manuscrito Chesham separadamente, não parecem prestar-se a nenhum sistema simples de classificação; caracterizam-se muito mais por diferenças do que por semelhanças. As exceções parecem ser as seguintes:

(I) O Manuscrito Edinburgh Register House e o Manuscrito Chetwode Crawley estão intimamente relacionados, embora a segunda parte de um venha primeiro no outro, e vice-versa. Das perguntas e respostas, dois terços são exatamente iguais, e um terço aproximadamente, com exceção de uma pergunta e resposta no primeiro Estado-Membro que não tem equivalente no segundo Estado-Membro. A forma de dar a ‘Palavra do Maçom’, conforme estabelecida nos dois manuscritos, é muito semelhante, embora não idêntica.

(II) As perguntas e respostas maçônicas no Manuscrito Graham têm uma estreita afinidade com o catecismo em ‘*The Whole Institutions of Free-Masons Opened*’, e para isso na segunda parte do Manuscrito Essex. Por outro lado, a lendária questão do Manuscrito Graham tem pouca semelhança com qualquer outro documento maçônico descoberto até agora.

(III) *The Grand Mystery of Free-Masons Discover’d, the Institution of Free Masons* e a primeira parte do Manuscrito de Essex são quase certamente descendentes de um ancestral comum, como afirmado acima.

(IV) *The Mystery of Free-Masonry* parece ter sido copiado quase exatamente na primeira parte do Manuscrito de Chesham.

(V) *Prichard’s Masonry Dissected* parece ter servido como o original para a segunda parte do Manuscrito de Chesham. Além desses cinco grupos, compreendendo doze documentos, há seis outros catecismos, Manuscrito Sloane 3329, Manuscrito Dumfries nº 4 Manuscrito Trinity College, Dublin, ‘*A Mason’s Examination*’, ‘*The Grand Mystery Laid Open e A Mason’s Confession*’, nenhum dos que tem uma estreita afinidade com qualquer outro